

NOÇÕES DE NUMISMÁTICA (IV).

XI

NUMISMÁTICA GREGA

I PARTE

MOEDAS GREGAS. CARACTERES EXTERNOS DAS MOEDAS GREGAS. PERÍODOS DA ARTE MONETÁRIA GREGA (numismática clássica, arcaica, transição, máximo esplendor, decadência). VÁRIAS CLASSES DE MOEDAS GREGAS (autônomas, dos reis, imperiais gregas, coloniais). O METAL NA MOEDAGEM DOS GREGOS. OS MAGISTRADOS MONETÁRIOS. MOEDAS IMPERIAIS GREGAS E *NUMUS* ALEXANDRINOS.

A GRÉCIA.

A Grécia dividia-se em vários Estados independentes e a sua forma de govêrno, ora foi monárquica, ora republicana.

Os gregos dos tempos primitivos estavam num estado muito próximo da barbárie, e segundo uma tradição foram os fenícios e os egípcios que levaram à Grécia a civilização e as luzes do Oriente.

A História Grega dos tempos fabulosos e daqueles a que chamam *heróicos*, contém ficções misturadas com a verdade e que muitas vezes a desfiguram.

Acredita-se que *Sicônia*, cidade do Peloponeso, foi a cidade-estado mais antiga da Grécia, contando-se nela doze reis até *Agamenon*.

Argos, foi outra cidade em que dominaram quinze soberanos até *Acrísio*, cujo neto *Perseu*, foi o fundador do reino de *Micenas*.

Atenas, foi fundada por *Cecrops I*, que trouxe do Egito uma colônia (1643 a. C.). Foi governada por vários reis, até que se converteu em república sob a autoridade de governadores chamados arcontes. Com as leis estabelecidas por *Solon*, chegou a República de *Atenas* a um alto grau de prosperidade.

Tendo os lacedemônios conquistado *Atenas*, estabeleceram o govêrno de trinta magistrados conhecidos pelo nome de *Trinta tiranos*; êstes foram expulsos passados três anos por *Trasíbulo* (401 a. C.), voltando a República ao seu antigo esplendor, até que, no tempo dos romanos passou a ser uma das suas províncias (146 a. C.).

Lacedemônia ou *Esparta*. Foi governada por vários reis desde *Lélex*, que se crê ter sido o primeiro, até *Cleómenes III*, que

foi o último. Extinta a monarquia, erigiu-se a Lacedemônia em república e depois de haver sido uma das mais florescentes do mundo antigo, não só por suas leis, como pelo valor de seus capitães, ficou reduzida a província romana em 146 a. C.

Corinto, foi a cidade-estado da Grécia que teve por fundador Sísifo e passou a ser república em 749 anos a. C.

O seu comércio e as suas riquezas foram consideráveis, mas em 146 a. C. foram os coríntios subjugados pelos romanos que arrasaram Corinto, sua capital.

Macedônia. Este reino foi fundado por Carano segundo uns e por Pérdicas I, segundo outros, no ano 895 a. C. Filipe, tendo sido aclamado rei da Macedônia, tornou-se senhor de toda a Grécia. Seu filho Alexandre Magno invadindo a Ásia, venceu os persas e outras nações do Oriente; formando o maior Império conhecido naqueles tempos.

Depois da morte de Alexandre, a Macedônia tornou-se província romana (146 a. C.).

Tebas. Cidade-estado fundada por Cadmo (1580 a. C.); teve catorze reis e por morte do último, converteu-se em república. Os tebanos rivalizaram durante algum tempo em poder, com os espartanos e atenienses, até que foram subjugados por Filipe, rei da Macedônia e por seu filho Alexandre Magno, passando depois, assim como os demais povos da Grécia, ao domínio dos romanos.

A CIVILIZAÇÃO GREGA.

O gênio grego, aniquilou pouco a pouco as formas rígidas e os acanhados limites da sua organização oriental primitiva; desenvolveu e melhorou a liberdade pessoal e a igualdade de direitos para todos os cidadãos e nas suas lutas contra a limitação desta liberdade, desnordeou-se, caindo no inconstante e no incoerente.

Três são, pois, os períodos que se podem distinguir na civilização helênica. O primeiro relaciona-se com o Oriente pela religião, pela arte, pela política e pelos preceitos sacerdotais; o governo era então patriarcal ou a realeza, privilégio de certas famílias; o estado político da nação baseava-se na separação dos indivíduos em classes, segundo o seu estado, profissão, raça e família.

O segundo período, que se pode chamar de transformação, deve a sua existência aos esforços enérgicos a favor da liberdade. Assim, as antigas divindades tornaram-se na crença popular homens deificados (semi-deuses); os ídolos transformaram-se em corpos humanos cheios de movimento e de vida; o poder das famílias desapareceu diante da comuna e da proclamação da igualdade de direitos dos cidadãos; a organização primitiva do estado foi subs-

tituída pela completa liberdade política; a separação dos cidadãos, segundo as profissões, a raça e a família, desapareceu diante da divisão do povo em cidadãos nascidos livres, em domiciliados sem direitos políticos e em servos sem liberdade pessoal, nem direito natural.

Neste período, o povo grego entrava em oposição com o Oriente, que nunca pôde nas suas investigações acêrca da divindade, conciliar o espírito com a matéria. O seu ideal era a arte; a plástica, a poesia, a comédia, a história, eram tudo formas diversas, por que êste ideal se manifestava.

No terceiro período, o povo grego ultrapassou os limites indígenas e nacionais. Depois de se ter lançado no campo das aventuras, substituindo o patriotismo sólido por um cosmopolitismo indefinível, renegou os deuses nacionais e misturou-os com formas e idéias estrangeiras, levando a conquista intelectual ao velho Oriente, de onde êle próprio tinha recebido a sua primeira luz, o que concorreu para que a ciência helênica, com a mistura de elementos estranhos degenerasse e se tornasse então um meio de cultura entre os diversos povos.

Neste período, os gregos abandonaram as eminências artísticas e ideais e desceram à vida prática; as suas produções dirigiram-se principalmente às necessidades do homem.

Não só ao Oriente se estendeu a influência da civilização grega; Roma e com ela Bizâncio e tôdas as nações que se constituíram do desmembramento do grande Império Romano, foram mais ou menos influenciadas pela cultura helênica. Pode-se mesmo dizer que a civilização das modernas nações, é a continuação da civilização grega, transmitida pelos romanos aos povos do Ocidente.

*

* * *

A Numismática Antiga, compreende duas grandes séries: a *grega* e a *romana*.

A série grega é a mais importante sob vários aspectos, principalmente no campo da arte. Comparada com a uniformidade do dinheiro que hoje circula, a moeda grega se caracteriza não só pela variedade dos motivos utilizados em sua cunhagem, como também pela beleza e nitidez dos seus relevos e inspiração artística dos seus desenhos. A gravura de suas moedas, não se apresenta lisa e despida de contrastes, mas sim, com detalhes salientes e cheios de vida, dando-nos a idéia perfeita daquilo que é reproduzido, motivos êstes geralmente alusivos ao local da cunhagem. Enquanto a reprodução de animais era feita de maneira artística e quase per-

Feita, mesmo dois séculos depois do início da cunhagem das moedas que hoje supomos terem sido inventadas pelos lídios (700 a. A.), o rosto humano nelas representado, nada mais era que uma carranca feia e o corpo uma gravura tosca sem contornos definidos. No entanto, em pouco, verdadeira ambição criadora se apoderou dos gravadores e numa volúpia de melhorar a forma e de atingir o belo, foram aperfeiçoando sua arte reprodutiva aprimorando-a de século para século, conseguindo uma quase inacreditável perfeição.

Por volta do século IV a. C., teve início a aplicação de motivos religiosos na gravura das moedas, quando o campo de expansão dos artistas, e como tais devemos forçosamente considerar os gravadores daquele tempo, se tornou mais amplo. Se até aí a reprodução de animais ou de outras figuras (atributos) vindas de tempos mais remotos, subentendia um certo grau de dedicação aos deuses, aprimorou-se acentuadamente na representação dos atos mais importantes da vida — e até mesmo de somenos importância — dedicados e protegidos pelas divindades.

Sob o ponto de vista cronológico, isto é, do período por ela compreendido, estende-se por milênio, confundindo-se com as origens da própria moeda (Egina e Lídia). Na sua extensão territorial, abraça três continentes: *Europa, Ásia e África*.

Antes que os romanos tivessem conquistado tôdas as costas do Mediterrâneo e introduzido as suas moedas, quer dizer, do VII até ao II século a. C., cêrca de 1400 cidades republicanas e 500 príncipes desfrutaram de autonomia nesta parte do mundo antigo colonizado pelos gregos. Todos êles aproveitando-se de sua soberania, cunharam moedas.

Foi o geógrafo Estrabão, na época de Augusto, que elaborou o esquema ainda hoje reconhecido como o mais lógico e o mais prático. Em conformidade com êste guia científico, começamos na costa setentrional do Mediterrâneo, onde a dinastia dos Bárcidas introduziu a cultura greco-púnica, isto é, tôda a região que tem hoje o nome internacional de "Levante espanhol". As moedas que o comércio ali usou, foram cunhadas em Cartago, mas são do mais puro tipo grego. Continuando pela costa setentrional, chegamos a Marselha, onde foram usadas moedas com a deusa Artemís; seguem-se inumeráveis cidades gregas até chegar à Propôntida, o Mar de Mármara de hoje e até o Ponto Euxino — Mar Negro — chegando finalmente aos limites extremos da cultura grega no Quersoneso, a atual Criméia, que nos oferece uma riqueza excepcional de moedas gregas. Passando depois para o sul, chegamos a Trapezonte, última grande colônia grega na costa meridional do Mar Negro. Esta cidade, chamada hoje de Trabson, guarda verda-

deiras minas de moedas gregas. Continuando, seguindo sempre rumo ao poente, chega-se finalmente ao ponto de partida.

O dilúvio de moedas gregas antigas desta era, chamada a “idade áurea numismática”, é em grande parte motivada pela vaidade e vanglória. Representa uma emissão de moedas especiais de cidades, reis, usurpadores e tiranos que manifestavam a sua autonomia de uma maneira que não custava nada, mas que pelo contrário, só produzia recursos. Estados minúsculos, soberanos efêmeros, cidades de mínima importância, não deixaram outros vestígios de sua existência, que as suas moedas.

Esta série, pelo seu sentido, deve ser classificada para fins numismáticos numa ordem própria, em que a geografia precede à cronologia. A distribuição geográfica da série grega, é dada pelos numismatas em língua latina. Cada uma das regiões geográficas compreendidas pela série grega, conta um grande número de oficinas monetárias e só na Itália continental, contam-se quarenta e tantas.

Em cada província, as cidades devem ser classificadas segundo a ordem alfabética, quadro este sujeito às modificações, de acôrdo com as pesquisas e descobertas históricas.

CARACTERES EXTERNOS DAS MOEDAS GREGAS.

As características principais das moedas gregas são a sua espessura e o relêvo, às vêzes notável, que contrasta com a forma das moedas medievais e modernas, aproximando-as mais das medalhas. Enquanto as pequenas moedas se encontram muitas vêzes bastante desgastadas e usadas, a conservação das moedas melhora em harmonia com o seu valor. As grandes peças de prata já se mostram melhor conservadas. Aquelas, de pequeno valor, encontravam-se somente nos arredores das cidades emissoras por terem servido apenas ao comércio local, sendo hoje de importância para o estudo da história provincial, sendo como são, as únicas testemunhas de cidades desaparecidas. As grandes peças de prata, como o “*dema-reteion*” de Siracusa de 480 ou a “*decadracma*” de Agrigento de 410, deixam-nos supor que não entraram no comércio, mas somente no tesouro. Da última espécie, são conhecidos muitos exemplares completamente novos — *fleur de coin* — de maneira que se julgou duvidar se seriam moedas ou medalhas propriamente ditas; mas como foi depois verificado que estavam adaptadas a um sistema exato de ponderação, foram reconhecidas e tidas como moedas, não obstante terem sido cunhadas para fins comemorativos.

Isto não exclui que tenham vindo até nós medalhas autênticas, cunhadas para: 1) as grandes cerimônias religiosas onde havia

enorme afluência de pessoas; 2) os jogos *pan-helênicos*: olímpicos, píticos, ístmicos e nemeenses, que atraíam inumeráveis gregos. Estas ocasiões forçavam as autoridades a pôr à disposição dos visitantes grandes quantidades não só de moedas correntes, mas também de medalhas. Muitos como hoje, guardavam uma lembrança destas grandiosas festas, e graças a estas circunstâncias favoráveis, foi possível conhecermos hoje muitas medalhas gregas de grande valor arqueológico e artístico.

PERÍODOS DA ARTE MONETÁRIA GREGA.

Numismática clássica.

Neste grupo, compreendem-se tôdas as moedas da civilização greco-romana desde a sua origem no VII século a. C., ao fim do Império Romano do Ocidente, em 476.

A primitiva classificação para o agrupamento da complexa série do mundo helênico, era unicamente a ordem alfabética que, como é evidente, nada tinha de disposição científica. Foi só ao terminar o século XVIII, que o grande Eckhel estabeleceu na sua famosa *Doctrina Numorum Veterum*, a classificação geográfica, que foi a orientadora de todos os numismatas do século passado, e pode-se dizer mesmo até aos nossos dias, havendo um ou outro numismólogo completado ou alterado a classificação de Eckhel, com ligeiras modificações.

Segundo esse autor, a numismática antiga dividia-se pois, em *moedas dos povos, vilas e reis*, agrupadas “geograficamente”; em cada região as vilas dispostas segundo a “ordem alfabética” e em cada uma destas os soberanos agrupados “cronologicamente”. Fazendo corpo à parte, pela excepcional importância que adquiriram, dispunham-se as *moedas romanas*, em três grupos: do asse — as pesadas moedas de cobre fundidas — da *República*, vulgarmente denominadas *consulares* ou das *famílias* e finalmente do *Império*.

Outros estudiosos, usavam para a classificação cronológica das moedas gregas vários critérios, entre os quais figura o histórico que deriva dos fatos e das pessoas representadas sobre as moedas. Este critério todavia, não é fácil, nem constante. Não é fácil, porque frequentemente são mal cunhados determinados sinais que deveriam estar colocados sobre o pequeno diâmetro da moeda e não é constante, porque muitas vezes a moeda não foi cunhada com a preocupação de fixar datas, oferecendo tipos vagos e incertos e que permitem sejam atribuídos a vários períodos e a fatos diversos. A falta da indicação da data, a brevidade das legendas, muitas vezes enigmáticas, aumenta a confusão, impedindo a pronta e decisiva identificação da moeda.

Pelas razões acima, alguns numismatas abandonando o critério histórico-epigráfico, procuraram meios mais fáceis para uma nova classificação, tomando por base o aspecto artístico que os exemplares apresentavam. O ilustre numismata inglês Head, na sua *Historia Numorum*, baseando-se neste critério da arte monetária grega, estabeleceu sete períodos, determinando com agudeza os caracteres distintos de cada um. Modernamente o numismata, também inglês, Barclay, unindo-se a Head e tomando por base somente o aspecto da arte apresentados pelos exemplares, foi de opinião que êsses sete períodos da moedagem representando a arte monetária grega, podiam ser assim distribuídos:

I.	700 a 480 a. C.	Período Arcaico
II.	480 " 415 a. C.	" de Transição
III.	415 " 336 a. A.	" do Apogeu
IV.	336 " 280 a. C.	" último do Apogeu
V.	280 " 146 a. C.	" do Declínio
VI.	146 " 27 a. C.	" do Declínio acentuado
VIII.	27 a. C. a 268 d. C.	" Greco-Romano

Ultimamente, Ambrosoli e Ricci, dos sete períodos traçados pelos numismatas Head e Barclay, adotaram os três primeiros, fundindo os quatro últimos em um só período, objetivando com isso atrair a atenção sobre os três primeiros por lhes parecer serem os mais característicos para a História da Arte Monetária Grega; assim dividida, estenderam-na desde a invenção da moeda até Carlos Magno, ficando êsses períodos subordinados às seguintes épocas:

- 1.º *Período* — da arte arcaica (700-480 a. C.)
- 2.º " — da arte de transição (480-415 a. C.)
- 3.º " — do máximo esplendor artístico (415-336 a. C.)
- 4.º " — da decadência (336 a. C. até 306, no tempo de Constantino).

Primeiro período — arte arcaica.
700-480 a. C.

Distingue-se pela rudeza das formas. São as primeiras tentativas da arte e uma das características dêste período, é o anverso apresentar sempre o tipo em relêvo de um só lado, enquanto que o reverso nos mostra o denominado "quadrado incuso". Esta expressão, é empregada num sentido amplo como termo convencional numismático, porque muitas vêzes o "quadrado incuso" apresenta formas diversas e irregulares, entre elas compartimentos triangulares. De um certo período em diante, o "quadrado incuso" começa a se ornar com figuras em relêvo, como a preparar o aparecimento da moeda com tipo em relêvo nas suas duas faces.

Como já dissemos, as moedas gregas dessa época, apresentam-se geralmente espessas e depois globulares, como as antiqüíssimas peças da Lídia em "electron" e as da ilha de Egina, em prata. Nesse período houve também uma categoria de moedas e que constituíam uma exceção; em várias cidades da Magna Grécia, de 550 a 400 a. C., as moedas apresentavam um caráter como a formar uma classe distinta entre as moedas arcaicas; eram relativamente leves e "incusas" apresentando no anverso um tipo em relêvo e no reverso o mesmo tipo "incavo" (Metaponto, Síbaris, Crotona, Caulônia, Populônia).

Os tipos das moedas do período arcaico, são muito simples. A representação da cabeça humana é rara e mal feita e os olhos representados de frente e a cabeça de perfil.

Segundo período ou da arte de transição.

(480-415 a. C.).

Neste período, as formas são ainda mais ou menos rígidas e angulosas, embora já se note um certo progresso, comparando-o com o primeiro. O "quadrado incuso" persiste, mais por conveniência comercial ou talvez para que não fôsem feitas modificações ou inovações no aspecto do numerário, já aceito favoravelmente pelos demais países estrangeiros.

A cunhagem vai pouco a pouco se embelezando em relação aos tipos em relêvo. A cabeça humana embora apresentando ainda uma expressão vaga da arte arcaica, já é tratada com maior delicadeza e verdade em determinados detalhes. Os tipos em geral, são mais ricos, mais vivos, apresentando algumas vêzes grandiosidade de concepção e de interpretação.

Terceiro período ou do máximo esplendor.

(415-336 a. C.).

Este é o período áureo da arte grega. A gravura monetária, libertando-se de tôdas as dificuldades, atinge a perfeição. Os tipos quase sempre apresentam no anverso a cabeça de uma divindade em alto relêvo, de perfil ou a 3/4. No reverso, figuras humanas ou de animais executadas com insuperável elegância e movimento. A riqueza dos tipos é maravilhosa, guardando sempre as devidas proporções, que foi a característica do gênio helênico na sua mais serena e nobre expressão.

Quarto e último período ou da decadência de Alexandre Magno em diante. 336 a. C.

De Alexandre Magno em diante, começa a se assinalar uma paralisação na arte da gravura monetária, como a mostrar uma certa decadência. As cabeças das divindades começam a ser substituídas pelos retratos dos reis; as figuras dos reversos, perdem a sua elegância e pouco a pouco a decadência se faz manifesta e se acentua ainda mais nas denominadas “moedas imperiais gregas”, isto é, a moedagem cunhada pelas cidades gregas submetidas ao domínio dos imperadores romanos. Todo o valor artístico desaparece e não sobrevive senão o eventual interêsse histórico ou mitológico dos variadíssimos reversos.

De nenhum valor artístico são igualmente as moedas coloniais da série grega; em ordem cronológica, principia com os denominados “*numi alexandrini*”, que eram as moedas com legendas gregas cunhadas em Alexandria, no Egito, durante a dominação romana e que vêm desde os primeiros imperadores até Domiciano e as moedas dos reis do Bósforo Cimério, que terminam ao tempo de Constantino (20).

VÁRIAS CLASSES DE MOEDAS GREGAS.

As moedas da série grega são divididas em quatro classes:

1.º — *Moedas autônomas*, emitidas pelas cidades e povos independentes que se governavam com leis próprias, como os reis da Trácia, Egito, Macedônia, Siracusa, Bitínia, Pérgamo, Capadócia, Lídia, Armênia, Edessa, Maurîtânia e os Arsácidas da Pártia.

2.º — *Moedas dos reis*. As moedas reais do mundo helênico, não apresentam a importância histórica de acôrdo com os soberanos que as emitiram. Esse fato explica-se talvez por duas razões: a diferença de usos locais e individuais relativamente ao exercício do direito da moeda e da efígie; depois as circunstâncias ocasionais que levavam determinados príncipes a cunhar moedas de ouro, prata e bronze com suas efígies, sem obedecer a leis ou a uma tradição, daí se concluindo que tais razões tenham enfraquecido a importância histórica que nelas desejávamos encontrar.

(20). — *Reino do Bósforo*. Estado grego situado sôbre as duas margens do Bósforo Cimérico, compreendendo quase toda a Criméia. A capital era Pantecapéia na margem ocidental do estreito e cidades principais Fanagoréia, Ólbia, Tannais, Querson, etc. Esta colônia grega, foi fundada pelos milésianos; teve reis particulares desde o século V até 115 a. C., época na qual o seu último rei a cedeu a Mitridates. Este reino foi dado por Pompeu a seu filho Farnaces (63 a. C.). No século III da nossa era, foi destruído pelos godos.

Ao braço de mar — Bósforo Cimérico — nome dado pelos antigos e que fazia comunicar o Palus Moetis (mar de Azof) com o Ponto-Euxino (Mar Negro) chamam hoje de Estreito de Kertch (ou de Ienikaleh).

3.º — *Moedas imperiais gregas*, cunhadas pelas cidades gregas especialmente da Ásia, no tempo e sob o domínio dos imperadores romanos.

4.º — *Moedas coloniais*, as emitidas pelas colônias romanas. Estas últimas, conquanto pertençam a denominada série grega, trazem quase sempre legendas em latim.

O METAL NA MOEDAGEM DOS GREGOS.

As moedas metálicas emitidas na Grécia, apresentam uma diversidade notável quanto a sua matéria. São conhecidas moedas cunhadas em ouro, em prata, em *electrum*, cobre, bronze, em *orichalque* (nome suntuoso designando simplesmente o latão ou cobre amarelo), em *potin*, chumbo, ferro, sem falar das moedas não metálicas de couro, porcelana, terracota, madeira e vidro que foram algumas vezes acidentalmente usadas como moedas fiduciárias.

A riqueza da numismática grega é prodigiosa e os economistas poderão achar na observação desta quantidade surpreendente e variada, material para outras buscas e induções melhores do que aquelas tão rapidamente relatadas nos compêndios que nos chegam às mãos.

As moedas gregas, são geralmente de pequeno módulo, excetuando-se algumas de bronze de tamanho grande, de fundição itálica, e outras cunhadas pelos Ptolomeus do Egito; na sua maior parte, as moedas de ouro e de prata são pequenas, maciças e relativamente pesadas. O ouro e a prata, foram os metais usados com maior freqüência, vindo depois o bronze, podendo-se mesmo dizer que os metais nobres, foram típicos na moedagem grega.

O ouro, moedagem dos gregos, não podia ser senão metal de importação vindo do Egito, da Arábia e da Índia. Uma legenda que teve curso na Grécia, digna de servir de ponto de partida à imaginação de um Wells, dizia que o minério aurífero indiano foi explorado não por homens, mas por formigas de tamanho gigantesco que trariam o pó de ouro à superfície. O poeta romano Propércio (Sextum Aurelius Propertius) fêz-se mais tarde eco desta legenda (21).

Inda cavis aurum mittit formia metallis.

Estrabão mesmo, escritor sem dúvida mais austero, autor de uma *Geografia* de caráter histórico nitidamente marcado, escrita em atenção aos homens instruídos do mundo greco-romano, menciona essa sugestiva fábula.

Existiam ainda as minas de ouro na Armênia, na Cólquida, que os antigos gabavam-se como sendo de uma maravilhosa riqueza e

(21). — *Elegias*, I, III, 13.

da qual se originou o mito do Tosão de ouro, expressão fabulosa dessa tradição; na Frígia, Trácia, Macedônia, Ilíria, Panônia, Epiro, Dácia e mais longe, em certas regiões da Itália, da Gália (*Gallia aurifera*), na Grã-Bretanha e Irlanda e após ao redor da própria Grécia, que não possuía ainda nada de importância. Em compensação para a prata, as minas do Laurion eram célebres, fornecendo o metal em abundância. A Índia, o Ponto, a Cilícia, a Dácia, a região dos Alpes, a Gália, a Grã-Bretanha e sobretudo a Espanha, produziam também a prata necessária à moedagem.

As minas eram exploradas por processos rudimentares e penosos. Os trabalhadores, geralmente escravos ou condenados de direito comum, tinham um regime dos mais duros. As descrições de Diodoro de Sicília, do fim do século I a. C. e autor de uma *Biblioteca Histórica* da qual existem fragmentos consideráveis, relatam a vida dos mineiros escravizados a esta exploração das minas, pormenores atrozes, sofrimentos inúmeros pesando sobre legiões de homens em férrea escravidão.

OS MAGISTRADOS MONETÁRIOS.

Em tôdas as cidades que se dedicavam à cunhagem, havia além do pessoal técnico das casas monetárias, magistrados delegados pelos poderes públicos para supervisionar a fabricação e controlar as emissões da moeda. Êstes mandatários da autoridade local, formavam uma Comissão de três ou quatro membros — raramente dois ou mais de quatro — entre os quais um era estreatena na carreira administrativa e dos outros, um dêles era o mais alto dignatário do Estado, fôsse na ordem civil, militar ou religiosa.

As moedas cunhadas durante o exercício do cargo dêsses altos magistrados do Estado, traziam seus monogramas, seus símbolos ou seus nomes por extenso. Entretanto, uma só assinatura era o suficiente para representar todo o Colégio; algumas vêzes apareciam sôbre as peças, duas ou três assinaturas. Cada cidade, cada época, apresentava seus usos particulares. Um ponto era comum a todos: os representantes da autoridade superior, qualquer que fôsse o número, mudavam freqüentemente; êles não eram investidos de seus encargos senão por um tempo muito curto, raramente mais de um ano. Os exemplares monetários eram por êles assinados como uma manifestação de ato público.

Era uma grande honra ter seu nome numa moeda, porque nas monarquias, esta honra era uma prerrogativa da realeza. E' por isso que na República, os chefes do Colégio monetário, eram geralmente os mais altos magistrados da cidade ou então, um persona-

gem notável, um cidadão a quem se queria dar as honras de um rei. Assim, o papel dêste chefe, era unicamente honorífico.

Como os altos magistrados que acabamos de citar, eram geralmente indicados para o exercício dos cargos pelo espaço de um ano, suas assinaturas servem de base para a cronologia local. A série de moedas assinadas apresenta-se completa para uma determinada cidade, constitui o calendário oficial e nos mostra ano por ano, a lista dos primeiros magistrados de tôdas as cidades que emitiram moeda. Em uma palavra, a inscrição do nome do chefe do Colégio numa moeda, equívale a uma data nos fastos locais.

Antes de findar o V século, as assinaturas até então raras, estiveram muito tempo sob a forma de letras isoladas, de sílabas, de monogramas, de símbolos que, infelizmente é difícil interpretar. A partir do IV século, as assinaturas se multiplicaram tornando-se mais explícitas, apresentando-se os nomes com tôdas as letras, no nominativo ou no genitivo. No III século, os nomes dos magistrados tornaram-se abundantes em certas cidades ondè a cunhagem foi bastante desenvolvida em razão do movimento comercial. Estes nomes se apresentam sem qualificativo administrativo.

*

* *

DRACMAS, MOEDAS DE RODES, CISTÓFORAS.

Dracma, era o nome da unidade monetária de todos os povos helênicos da Antigüidade.

A palavra *dracma* segundo os gregos, deriva de *drattonai* e significa *um punhado* provávelmente de grãos ou de outros objetos diminutos, cujo pêso equivalia ao do metal que entrava na *dracma*.

Segundo os assiriólogos, a *dracma* foi primeiramente um pêso assírio que valia a sexagésima parte da *mina* e seu nome, perpetuado desde as mais antigas civilizações caldéias, é formado do compôsto assírio *darag-mana* (sexagésima parte da *mina*). Dêste se formou o grego *dracma*, como de *mana* derivou o grego *mia* e em latim *mina*, voltando o primeiro ao Oriente muçulmano de baixo da forma *dirhem*.

Nas transações assírio-babilônicas, o pagamento se fazia de preferência com as dracmas de prata, isto é, em lingotes dêsse metal de pêso indicado, ainda que êste pêso fôsse diferente nas várias localidades e regiões. A *dracma*, a *mina* e o *talento* em Nínive, tinham valor diverso das mesmas unidades usadas em Arbela e em Babilônia, por exemplo.

Essa diversidade de tipos ponderais passou à Grécia, fundindo-se com os sistemas indígenas, persistindo ainda após a inven-

ção da moeda pròpriamente dita, isto é, depois de serem cunhados e impressos sôbre os pedaços de metal que se empregavam nas transações comerciais uma marca oficial que garantia seu pêsso, sua liga e seu valor. Por isso, o sistema monetário da Antigüidade longe de ser uniforme, oferecia numerosas variedades na mesma época e nas mesmas cidades, ainda que as diversas dracmas tivessem os mesmos múltiplos e sub-múltiplos correspondendo a um sistema binário e ternário, com algumas exceções.

Não obstante a diversidade de sistemas que parecia trazer confusões e mesmo paralisações nas transações do comércio, isto não acontecia, pelo contrário, facilitava; à falta de um sistema único, pois em grande número de povoações não se empregava mais do que um sistema para o comércio interior, as moedas eram cunhadas de acôrdo com o sistema usado nas cidades com quem se mantinham relações comerciais. Assim, entre duas cidades nestas condições, não se admitia mais que seus respectivos sistemas, tendo curso as moedas estrangeiras entre os banqueiros, à semelhança do que ocorre na atualidade.

Ademais, em outros países, as diversas unidades monetárias empregadas na mesma época, estavam calculadas de modo que entre seus múltiplos ou divisores se chegava a uma equiivalência exata e daí as moedas dos lágidas terem sido cunhadas conforme os múltiplos e sub-múltiplos da *dracma ática*, *lídica* ou *fenícia*, chegando com elas à equiivalência perfeita.

Vamos então mostrar algumas dracmas e outras moedas de prata que tiveram grande curso na Antigüidade.

Dracma eginética.

Pertencia ao mais antigo dos sistemas monetários da Grécia. A *dracma eginética* recebeu êste nome, por haver sido criada pelo rei Fidão de Argos, na ilha de Egina, no VII século a. C., estendendo-se a circulação destas moedas pela Eubéia e suas colônias da Sicília, Tessália, Beócia e Creta.

Dracma lídica.

Esta dracma figurava em segundo lugar. A *dracma lídica* (asiática ou fenícia como querem alguns), foi cunhada quase na mesma época que a antecedente na Ásia Menor. Originária da Lídia, tomou para tipo de sua moedagem, as moedas de ouro de Sardes emitidas por Cresos e seus sucessores. Seu pêsso correspondia exatamente ao pêsso admitido pelos povos da Fenícia e da Palestina e que era duzentas e quarenta partes da *mina*, de que 50 formavam o *kikkar* ou o *grande talento hebreu-fenício*.

Talvez fôsse essa a razão porque o sátrapa egípcio Arcandes, no reinado de Dario, tomou a antiga dracma dos reis da Lídia para unidade das peças de prata que mandou cunhar, destinadas às transações com os comerciantes fenícios, jônios e cários que acorriam a Menfis e a Naucratis.

Êste sistema monetário se estendeu notavelmente depois do reinado de Alexandre, quando foi adotado pelos lágidas e selêucidas e mais tarde pelas cidades da Fenícia — as célebres Tiro, Sidon — e depois por Cartago.

Dracma ática.

O mais popular e desenvolvido dos antigos sistemas monetários, foi o chamado *ático*; não porque tivesse sido instituído em Atenas, pois que em outras cidades, essencialmente nas da Cirenáica, foram usadas antes do que em Atenas onde o introduziu Solon. Talvez por espírito de imitação êsse sistema estendeu-se pelo mundo chamado antigo e em particular depois de Alexandre — que o levou até à Bactriana e à Índia — substituindo até o domínio romano, quando foi substituído pelo *denário*.

O pêso teórico e normal da *dracma* ática, era de 4,36 grs., descendo em certas épocas e elevando-se em outras, estando fixada na 6/1000 partes do *talento* chamado *eubóico*, usado desde muito na Grécia e originário provavelmente da Ásia Menor. Por essa razão, os nomes de *eubóico* e *ático*, designavam um mesmo *talento*.

Em certas cidades onde só se empregava o *sistema ático*, como em Corinto, a *didracma* de 8,76 grs. foi considerada como a verdadeira unidade monetária e assim continuou a ser cunhada com mais freqüência, quando passou a ser denominada nessa cidade de *estáter* (*stater corinthius*).

Depois da guerra do Peloponeso, passou a ser considerada divisível em três partes ou seja como *tridracma* e daí ter surgido a *dracma coríntia* de 2,90 grs., que circulou em Corinto e nas suas inúmeras colônias.

Dracma olímpica ou assíria.

A chamada *dracma olímpica*, serviu de base ao sistema monetário das colônias gregas de Roda e Emporium, na Espanha; aos reis da Macedônia anteriores a Filipe e aos povos bárbaros independentes da região trácio-macedônica na mesma época, encontrando-se também em algumas emissões de Cartago e das cidades da Panfília e Pisídia na Ásia Menor. Seu pêso era de 4,88 grs.

Foi também conhecida por *dracma assítia*, porque os pesos da *mina* e da *dupla mina* assíria descobertos em Nínive, davam para a dracma um pêso muito aproximado ao indicado.

Dracma persa ou babilônica.

A dracma mandada cunhar por Dario I, rei da Pérsia, filho de Histaspes, da raça dos Aquemênidas, para o seu Império e que circulou até ao tempo de Alexandre no Epiro, Ásia Menor, Chipre e Creta, pesava de 5,44 a 5,60 grs. e recebeu o nome de *persa* por sua natureza e *babilônica* por se derivar do antigo *talento babilônico*.

Dracma alexandrina.

Nome dado à *dracma ática* em algumas inscrições gregas do tempo da monarquia macedônica e que serviu de unidade monetária às moedas de Alexandre, o Grande.

Dracma aérea de cobre.

A dracma aérea (de cobre), era uma moeda imaginária grega, cujo valor estava calculado na décima parte do óbolo.

Dracma de cobre.

Em Bizâncio dava-se o nome de *dracma de cobre*, a uma moeda que tinha o pêso da dracma de prata e representava a sexagésima parte do seu valor.

Dracma aérea.

Era a metade de um *estáter*, por corresponder em ouro, ao pêso da dracma de prata. Segundo demonstram certas inscrições, em Atenas se usava uma dupla nomenclatura para designar as divisões do *estáter*; uma especial para o ouro e a outra correspondente ao pêso da dracma de prata.

Dracma milesiana.

Este nome aparece em algumas inscrições de Mileto, para indicar o pêso e o valor de alguns objetos consagrados aos deuses, em oposição à dracma ática, conforme eram melhoradas as oferendas.

As moedas de prata de Mileto, ao tempo da supremacia dos reis de Pérgamo e as contemporâneas das mencionadas inscrições,

têm no anverso a cabeça de Apolo com corôa de louro e no reverso um leão voltando a cabeça para um astro que aparece na parte superior, além do monograma M I, ou o nome de um magistrado.

A dracma unidade dêste sistema, tinha um pêso de 3,64 grs., muito aproximado do fenício.

Dracma estefanéfora.

Este nome figura em várias inscrições áticas, para designar a moeda cunhada em Atenas; segundo alguns lexicógrafos, Estefanéforo, um herói nacional dos gregos, possuía um santuário na própria casa da moeda onde estavam depositados os pesos monetários e os cunhos e nesse sentido, correspondia ao Templo de Juno Moneta em Roma. A estátua do herói ático (que se supõe seja Teseu), aparece no reverso de alguns *tetradracmas* da segunda série (22).

Dracma tíria.

Em uma passagem descrita por Flávio Josefo, historiador judeu do século I, vem mencionada esta unidade monetária quando faz referência aos tetradracmas de prata cunhados na época dos selêucidas nas cidades da Fenícia (Tiro, Sidon e Arado) a que tinham por tipo a dracma fenícia de 5,44 grs., que no Talmude se denomina *dracma de Tiro*. Contudo, Josefo diz que o *tetradracma* desta cidade corresponde ao *tetradracma ático*, afirmando o mesmo com referência ao *siclo* judaico; esta anomalia se explica porque, quando Pompeu ordenou o fechamento das casas monetárias das mencionadas cidades, mandou que os *tetradracmas* circulassem no país com um valor de 4 *denários* romanos, qualquer que fôsse a unidade de pêso (23).

Dracma asiática.

Uma outra dracma considerada asiática por uns e greco-asiática por outros, foi a cunhada na Ásia Menor e adotada em *Dyrrachium*, cidade da antiga Ilíria, cujo pôrto era muito freqüentado pelos viajantes que passavam da Grécia para a Itália.

(22). — Teseu. Mit. grega. Herói ático, rei lendário de Atenas. Era o herói mais popular dos atenienses; em volta de seu nome formou-se uma soberba lenda que em muitos pontos recorda a de Heracles.

(23). — *Talmude* (do hebreu *lamad*, aprender, signif. *ensino, estudo*). — Nome por que os judeus designam a vasta compilação das doutrinas e dos preceitos ensinados pelos doutores mais autorizados. A lenda faz remontar a origem do *Talmude* até Moisés.

Esta dracma pesando 3,250 grs., teve seu pêso imitado não só na moedagem das cidades autônomas, como também nas moedas mandadas cunhar pelos reis da Pérsia.

Moedas de Rodes e cistóforas.

As moedas de prata de Rodes e as *cistóforas* da Ásia Menor tinham por tipo a dracma de 3,250 grs. Foram cunhadas ao tempo das conquistas da República Romana no Oriente, quando Rodes, aliada aos romanos, chegou a alcançar uma grande superioridade comercial e marítima nos mares da Grécia.

As moedas de Rodes eram muito apreciadas pela pureza do metal e a exatidão de seu pêso, condições que lhes valeu um ágio a seu favor e uma preponderância na circulação por mais de dois séculos, pois segundo uma inscrição encontrada em Cibira no ano 71 d. C., estas moedas ainda circulavam no século I de nossa éra na Ásia Menor, sendo sua equivalência com a moeda romana de 10 asses por dracma (24).

As moedas de Rodes dos primeiros tempos, apresentavam no anverso uma cara radiada de frente, representando o Sol, considerado protetor da ilha e pai místico de seus primeiros habitantes; no reverso tinham gravado uma rosa.

As *cistóforas* eram uma série de moedas gregas cunhadas na Ásia Menor, mencionadas com freqüência nas escrituras e inscrições pertencentes aos séculos II e I a. C. e cuja cunhagem se prolongou até Adriano.

As moedas *cistóforas* gozavam de grande voga no mundo grego e compreendiam uma série de múltiplos e sub-múltiplos divididos em dracmas, didracmas, dióbolos, trimióbolos e óbolos. Eram em prata e deviam seu nome a que no anverso figurava uma arca entreaberta, rodeada por uma corôa de pedras e da qual saía uma serpente; no reverso apareciam também duas serpentes com as cabeças unidas.

As *cistóforas* pertencem ao antigo sistema monetário ródio, derivado do sistema asiático (dracma). Seu pêso variava de 12,5 a 12,8 grs., correspondendo aos tetradracmas cuja unidade era de 3,2 grs. Estas peças circularam em grande quantidade, porque não sofriam depreciação, quer nos mercados áticos, quer nos mercados da Ásia Menor.

A dominação romana respeitou-as, mas pôs numa das faces a efigie de um personagem romano, substituído mais tarde pela do próprio imperador.

(24). — *Cibira*. Cidade grega da antiga Ásia Menor (Cária), pouco distante dos limites da Pisídia e da Frígia. Fundada pelos lídios e reedificada pelos pisídios, veio a ser a capital de uma confederação de muitas cidades vizinhas.

Nas coleções numismáticas, vemos estas peças trazendo de um lado a maça de Hércules e a pele do leão de Neméia e no outro um adôrnio em forma de cachos de parreira.

MOEDAS IMPERIAIS GREGAS E NUMUS ALEXANDRINOS.

Estas moedas, como as coloniais romanas, se classificam com as da série grega, merecendo, porém, uma explicação especial.

Pelo nome de *imperiais gregas*, são conhecidas as moedas cunhadas nas cidades helênicas, notadamente da Ásia, durante o domínio dos imperadores romanos.

Estas moedas, que podemos chamar *provinciais* ou *municipais*, eram de prata ou bronze, cunhadas com permissão do Senado Romano e ainda mesmo quando traziam no anverso a effigie do imperador, suas legendas eram em grego e quase sempre as figuras do reverso recordavam suas épocas de antiga autonomia.

O govêrno romano, desejoso de captar a boa vontade d'esses povos, consentia nessas cunhagens, porém, procurava um meio de desvalorizar essa moeda, inundando a região com a moeda romana e assim, dentro em pouco, a moeda estava depreciada, obrigando êsses povos a refundi-la.

O *numus alexandrinus*, é a moeda com legenda grega cunhada em Alexandria durante a dominação romana.

Neste mesmo grupo, se classificam as moedas dos *nomos*, que eram as prefeituras romanas no Egito; ambas trazem legendas gregas e poderiam se agrupar com as anteriores, se não fôsse a cunhagem ser essencialmente romana e trazerem um detalhe típico que as diferencia: a data do ano de govêrno do imperador reinante, nesta forma: L A L B — L C (ano I, II, III, etc.). As legendas de tôdas estas cidades e suas figuras dos reversos, fazem parte das ilustrações especiais da moeda grega (25).

Passemos agora a conhecer os vários sistemas monetários da antiga Grécia.

(25). — *Nomos* — Nome que os gregos davam às divisões administrativas do velho Egito, tais como eram no seu tempo. Na origem, os *nomos* eram os principados em que o país estava dividido antes da época histórica. O número variava segundo as épocas, mas as mais das vêzes, contavam-se 40,20 para o Alto-Egito e 20 para o Baixo-Egito.

TIPOS DE MOEDAS GREGAS



Fig. 27. — Moeda de Atenas (Ática). Decadracma.
514-511 a. C.

Anv.: Cabeça de Minerva com casco guerreiro, à direita.
Rev.: No campo, dentro de um quadrado cavado, uma coruja.



Fig. 28. — Macedônia — Alexandre III, o Grande. Tetradracma.
336-323 a. C.

Anv.: Cabeça de Hércules com pele de leão.
Rev.: Júpiter Aetophoro sentado, à esquerda, tendo na mão direita uma
água e com a esquerda segurando um cetro.



Fig. 29. — Moeda de Quios (412-350 a. C.).

Anv.: Esfinge alada, tendo adiante uma ânfora e sôbre esta um cacho de uvas.
Rev.: Área dividida em quatro partes, formando uma cruz (quadrado incuso).
Nome do magistrado.

TIPOS DE MOEDAS GREGAS



Fig. 30. — Moeda da Cária e ilhas adjacentes.
Anv.: Cabeça de Hélios de frente, voltada um pouco à direita, cabelos esparsos divididos ao meio da frente.
Rev.: Flôr de baláustio (do gr. *balaustron*) sôbre o caule.



Fig. 31. — Metaponto — Lucânia.
Anv.: Espiga de trigo, círculo de pontos.
Rev.: O mesmo tipo incuso.



Fig. 32. — Campânia — Neapolis. Didracma (AR).
Anv.: Cabeça de Partenope à direita, com brincos e colar; atrás um diota.
Rev.: Touro androposopo à direita, coroado pela Vitória alada.

TIPOS DE MOEDAS GREGAS



Fig. 33. — Moeda do Epiro — Tetradracma (AR).
Anv.: Cabeças de Júpiter e Juno conjugadas à direita. Círculos de pontos.
Rev.: Dois florões em sentido horizontal unidos pelo cálice.



Fig. 34. — Gália — Massília. Dracma (AR).
Anv.: Busto de Diana à direita, com aljava.
Rev.: Sôbre uma base, um leão à direita.

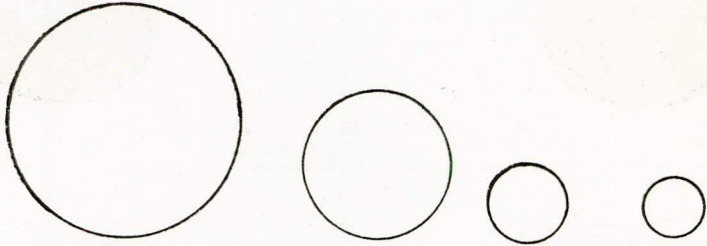


Fig. 35. — Egito (dominação macedônica). Moeda dos Ptolomeus.
Anv.: Cabeça de Júpiter, à direita.
Rev.: Água com raios.

TIPOS DE MOEDAS GREGAS



Fig. 36. — Síria — Antíoco VI, cognominado *Dionisos* (AR) rei de 143 a 142 a. C.
Av.: Cabeça de Antíoco VI, à direita, radiada.
Rev.: Os dióscuros à cavalo voltados à esquerda.



Tetradracma ático Dracma Óbólo Hemióbolo

Fig. 37. — Módulos de algumas moedas gregas.

Tetradracma ático. Dracma. Óbólo. Hemióbolo.

ÁLVARO DA VEIGA COIMBRA
Presidente da Sociedade Brasileira de Numismática.